

Casos & Causos

Por Nestor Leme



Aniversário dos vizinhos



Amparo completa 197 anos e relembra origens que se entrelaçam com a história de Serra Negra | Arquivo de Nestor Leme

No dia 8 de abril próximo passado, teve festa na cidade dos vizinhos do lado sudeste, Amparo, que comemorou os seus 197 anos de fundação. 197 anos, perguntarão? Então quer dizer que Amparo é mais novo que Serra Negra, pois nossa cidade já completa 198. No papel, ou seja, nos documentos oficiais, sim, Amparo é mais nova que Serra Negra, sete meses e vinte dias. Só que, se formos pesquisar na história documentada destas cidades, vamos ficar sabendo que Amparo e Serra Negra têm a mesma idade, porque, segundo os pesquisadores da história amparense, por volta de 1820, moradores das cidades de Nazaré, de Bragança e de Itatiba, saindo à procura de novas terras para suas culturas, começaram a se estabelecer na região conhecida como Camanducaia, no sertão de Bragança, assim como gentes vindas de Mogi Mirim e Bragança começaram a se estabelecer na região da Serra Negra. Então, se as duas cidades têm a mesma idade, por que Amparo é duas vezes maior que nossa cidade?

A resposta é simples: primeiro, é que o território dos vizinhos é maior que o nosso e, segundo, porque também é mais plano. Assim sendo, na época da implantação da cultura do café em nossa região, os amparenses começaram a plantar suas roças antes de Serra Negra, sendo

que, na região mais plana de Pantaleão e Brumado, surgiram as grandes fazendas que, em pouco tempo, tornaram o município vizinho o maior produtor de café do Império, que eles só perderam quando surgiram as grandes roças na região da Alta Mogiana e foram fundadas as cidades de Ribeirão Preto e Franca do Imperador.

E, citando o Imperador, a cidade de Amparo era tão importante para o Brasil que foi visitada por Sua Alteza Imperial, Dom Pedro II, no ano de 1878. Sim, o Imperador em pessoa esteve visitando a terra dos vizinhos, Serra Negra e Amparo foram fundadas ao redor de capelas: Serra Negra com a capela de Nossa Senhora do Rosário e Amparo com a capela de Nossa Senhora do Amparo, sendo que as duas capelas, no início da história, recebiam visitas do Padre Polícarpo, pois não tinham um padre efetivo. Os pré-serranenses, aconselhados por aquele padre, fizeram o pedido da concessão da Capela Curada, ou o envio de um padre para dirigir o rebanho, antes dos amparenses; estes só enviaram seu pedido ao bispo Dom Manuel Joaquim depois de saberem que nós já tínhamos conseguido o benefício, daí a concessão do Curato amparense ter acontecido alguns meses depois que o nosso.

Mas espera aí? Perguntaram os leitores desta coluna: por que o Nestor está enran-

do na história dos vizinhos? Eu respondo que, quando comecei a escrever, nem pensava em escrever sobre história, porque sempre achei que escrever causas era mais simples, pois, nestes, posso inventar o enredo e também os personagens; já na história, o historiador tem que ater-se à verdade, para que não existam polêmicas naquilo que foi publicado, porque a história escrita com certeza vai chegar às escolas e ao conhecimento das nossas crianças, a quem não podemos mentir.

Muito bem, a história oficial dos vizinhos conta que eles comemoram seu aniversário no dia 8 de abril de 1929, dia em que o bispo de São Paulo, Dom Joaquim Manuel, assinou a carta concedendo a Capela Curada de Nossa Senhora do Amparo; não inventaram fundadores da cidade. Porém, no livro sobre a história de Serra Negra, do professor Sebastião Pinto da Cunha, e em outros livros, também está escrito que, em 23 de setembro de 1828, dia que comemoramos o nosso aniversário, aconteceu a mesma coisa: estes registram que foi neste dia que o bispo Dom Joaquim concedeu o benefício da Capela Curada de Nossa Senhora do Rosário de Serra Negra.

Aí eu pergunto: por que, diferente dos amparenses, os historiadores serranenses enfiaram o Lourenço como nosso fundador?

Crônicas do Dia a Dia

Por Gulda Gerosa



Existe um segredo para enfrentar a dor?

Dizem por aí que o segredo da vida é ser forte. Tem gente até que diz que o mundo é dos fortes. É, ser forte é realmente algo incrível, mas para ser mesmo forte, você acaba tendo que ser bastante insensível. Estamos neste mundo, e por aqui, existem MUITAS situações em que o emocional nos toca, e nos permite sentir, amar, chorar, entristecer é o que nos faz crescer.

Ninguém sente a sua dor, porém, quem já sentiu algo parecido pode saber o quanto grande é sua emoção. Quantas vezes não escondemos nossas emoções para que os outros não nos vejam fracos? Acumuladas, elas vão aumentando aos poucos e nos consumindo. Temos que atravessar esses períodos de dor e aprender com cada um desses momentos.

Existem dores que permanecem toda a vida, o segredo é continuar;

mesmo com dor, continuar. Essas dores emocionais podem, às vezes, doer mais que as físicas. As dores físicas são incapacitantes, mas as emocionais também. Há dias em que não conseguimos levantar da cama porque o cláctico está "pegando"; e em outras, porque nosso emocional está abalado. E no silêncio da noite, elas ficam ainda piores.

Quando um filho adoece, por exemplo, o coração parece sair do peito e viver em constante alerta, como se qualquer distração pudesse ser fatal. No abandono, o vazio grita e a dor enlameia. E nos amores perdidos, fica uma tristeza infinita.

A dor se apresenta de muitas formas, mas em todas elas existe algo em comum: a sensação de que não vamos suportar. E, ainda assim, descobrimos que conseguimos sobreviver. Não porque so-

mos fortes o tempo todo, mas porque, de algum jeito inexplicável, vamos em frente. Recebemos um abraço, um carinho, um fio de esperança quase invisível e a esperança nos preenche. Outras vezes, com o tempo, tudo vai se acomodando e aquilo que parecia impossível de carregar, passou. Enfrentar a dor não é vencê-la. Não existe vitória aí. O que acontece é que vamos nos transformando; a dor continua, mas vamos aprendendo a conviver com ela sem que ela nos destrua por inteiro.

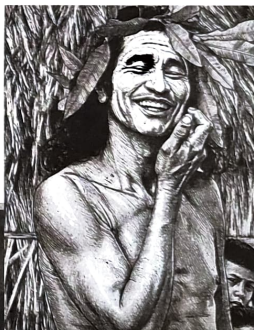
Não existe um segredo para enfrentar a dor, existe resiliência; não é força e nem esconder o que sentimos - temos que permitir-mo-nos sermos humanos. Sentir, cair, recompor e, algumas vezes, com o coração remediado, seguir. Porque, no fim, a vida não é deixar de sentir dores, mas viver e aprender com ela.

Cultura e Vida

Por Henrique Vieira Filho



Sacerdotes do Riso



Sacerdotes do Riso - Japão e Brasil | Ilustração: Henrique Vieira Filho

Dizem que quem não sabe rir de si mesmo está perdendo a melhor piada da vida! Aqui no Museu ReArte, o bom humor é o fio condutor de toda a nossa programação de abril. Entre as exposições de clássicos da comédia às quintas-feiras e a oficina de "risadaria" no dia 19, o tom divertido transbordou até para as paredes da nossa galeria de arte.

Quem nos visita dá logo de cara com as nossas sorridentes Monalissas. Elas aparecem em versões afro, mexicana, carioca e egípcia, provando que a alegria é universal. Como abril é o mês da floração das cerejeiras no Japão, temos as pinturas de paisagens que celebram o oriente, trazendo, inclusive, a exótica sereia nipônica. Ela faz companhia às "senhoras das águas" de vários países e, claro, à nossa brasileira: a lara, que chega escollada pelas mulhieres-pelaxes da tribo Marubo.

Temos ainda a Calpura, a Bolarrara (a poderosa cobra alada tupi) e a heroína literária Lindóia - personagens que honram os nossos povos originários, cuja data celebramos justamente no dia da oficina "Muito Além da Risada", conduzida pelo

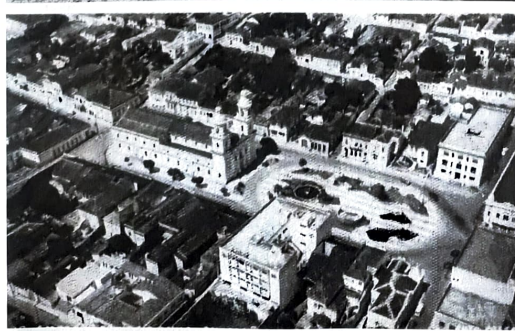
especialista Cássio Starling. Neste universo da ReArte, tudo está interligado, pois o riso faz parte de todas as culturas que expomos. No Japão antigo, por exemplo, já existia uma espécie de stand-up: o Rakugo (significa "palavras quentes"). É uma arte teatral de mais de 400 anos, onde o artista, sentado, usa apenas um leque para simular espadas ou objetos, encarnando todos os personagens de uma história apenas com gestos e voz, onde o final (o ochi) é sempre uma queda ou uma reviravolta cômica.

É já que o dia 19 celebra os donos da terra, precisamos falar da inteligência do riso deles. Hoje, nas redes sociais, jovens como o Kauri Wajipi usam a ironia para uma fechada em nossos preconceitos, mostrando que o indígena não é aquela figura estática dos livros escolares, mas alguém que usa o sarcasmo para desconstruir ideias erradas. O escritor Daniel Munduruku gosta de contar uma piada clássica das aldeias para quebrar o gelo com os pesquisadores: "Sabe qual é a definição de uma família indígena moderna? É o pai, a mãe, os filhos, os avós e um antropólogo sentado no canto da oca fa-

zendo anotações".

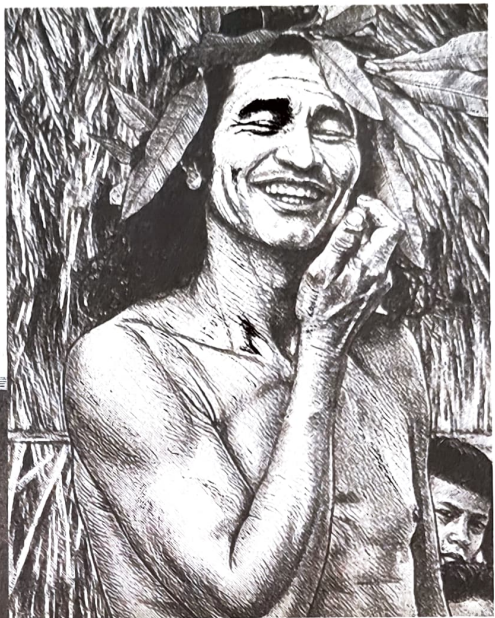
Rir de e com o "homem branco" é, para eles, uma forma de resistência. Ao fazer humor moderno, eles seguem a trilha dos seus ancestrais. Nas aldeias do povo Kraô e de outros grupos do tronco linguístico Jê, o riso é sagrado. Eles têm os Hotuá, os Sacerdotes do Riso. São figuras respeitadas, mediadoras que usam o absurdo para restaurar a paz. Quando a tensão aumenta, entra o Sacerdote do Riso com a sua "permissão divina" para o ridículo. Ao rir com ele, a tribo lava a alma e recupera o equilíbrio. É uma medicina coletiva.

É essa "ciência da alegria" que queremos compartilhar. Seja com o minimalismo japonês ou com a sabedoria dos povos Jê, o nosso objetivo no Ponto de Cultura ReArte é mostrar que a alegria é o caminho mais curto para a saúde. Reforço o convite: dia 19, às 14h, venham descobrir que, se até na oca há lugar para o riso, no nosso museu de vidro também há. A entrada? Um sorriso e a vontade de voltar a brincar! Atenção: o riso é sem fim, mas, às vezes, acabam! Por isso, reserve já pelo WhatsApp: (11) 9.8294-6468.





Sacerdotes do Riso



Sacerdotes do Riso - Japão e Brasil | Ilustração: Henrique Vieira Filho

Dizem que quem não sabe rir de si mesmo está perdendo a melhor piada da vida! Aqui no Museu ReArte, o bom humor é o fio condutor de toda a nossa programação de abril. Entre as exposições de clássicos da comédia às quintas-feiras e a oficina de "risadaria" no dia 19, o tom divertido transbordou até para as paredes da nossa galeria de arte.

Quem nos visita dá logo de cara com as nossas sorridentes Monalisas. Elas aparecem em versões afro, mexicana, carioca e egípcia, provando que a alegria é universal. Como abril é o mês da floração das cerejeiras no Japão, temos as pinturas de paisagens que celebram o oriente, trazendo, inclusive, a exótica sereia nipônica. Ela faz companhia às "senhoras das águas" de vários países e, claro, à nossa brasileiríssima lara, que chega escoltada pelas mulheres-peixes da tribo Marubo.

Temos ainda a Caipora, a Boiarara (a poderosa cobra alada tupi) e a heroína literária Lindóia - personagens que honram os nossos povos originários, cuja data celebramos justamente no dia da oficina "Muito Além da Risada", conduzida pelo

especialista Cássio Starling.

Neste universo da ReArte, tudo está interligado, pois o riso faz parte de todas as culturas que expomos. No Japão antigo, por exemplo, já existia uma espécie de stand-up: o Rakugo (significa "palavras caídas"). É uma arte teatral de mais de 400 anos, onde o artista, sentado, usa apenas um leque para simular espadas ou objetos, encarnando todos os personagens de uma história apenas com gestos e voz, onde o final (o ochi) é sempre uma queda ou uma reviravolta cômica.

E já que o dia 19 celebra os donos da terra, precisamos falar da inteligência do riso deles. Hoje, nas redes sociais, jovens como o Kauri Wajãpi usam a ironia para dar uma flechada em nossos preconceitos, mostrando que o indígena não é aquela figura estática dos livros escolares, mas alguém que usa o sarcasmo para desconstruir ideias erradas. O escritor Daniel Munduruku gosta de contar uma piada clássica das aldeias para quebrar o gelo com os pesquisadores: "Sabe qual é a definição de uma família indígena moderna? É o pai, a mãe, os filhos, os avós e um antropólogo sentado no canto da oca fa-

zendo anotações".

Rir de e com o "homem branco" é, para eles, uma forma de resistência. Ao fazer humor moderno, eles seguem a trilha dos seus ancestrais. Nas aldeias do povo Krahô e de outros grupos do tronco linguístico Jê, o riso é sagrado. Eles têm os Hotxuá, os Sacerdotes do Riso. São figuras respeitadas, mediadores que usam o absurdo para restaurar a paz. Quando a tensão aumenta, entra o Sacerdote do Riso com a sua "permissão divina" para o ridículo. Ao rir com ele, a tribo lava a alma e recupera o equilíbrio. É uma medicina coletiva.

É essa "ciência da alegria" que queremos partilhar. Seja com o minimalismo japonês ou com a sabedoria dos povos Jê, o nosso objetivo no Ponto de Cultura ReArte é mostrar que a alegria é o caminho mais curto para a saúde. Reforço o convite: dia 19, às 14h, venham descobrir que, se até na oca há lugar para o riso, no nosso museu de vidro também há. A entrada? Um sorriso e a vontade de voltar a brincar! Atenção: o riso é sem fim, mas, as vagas acabam! Por isso, reservem já pelo Whatsapp: (11) 9.8294-6468.